



Foto Photo **Maurício Nahas**

Maria Lira Marques Roda dos bichos

Nas substâncias minerais das terras do entorno do rio Jequitinhonha, a artista Maria Lira Marques encontra a gama de cores e texturas do seu fazer. Nos cantos de roda, batuques, bendito e incelência, unindo trabalho e fé, ela compartilha modos de habitar o ambiente que conectam gerações. Nas ancestralidades africana e indígena, reconhece feições, saberes e lutas alinhavados com sua própria vida.

No plano que se conforma pelo entroncamento dessas substâncias, cantos e ancestralidades, Lira Marques se fez artista. Com a arte, criou maneiras de reunir legados e memórias que lhe são atávicos e fazer deles a energia motriz de obras que são ao mesmo tempo invenção e lembrança.

Os protagonistas mais recorrentes em sua poética são entes que ela chama de *meus bichos do sertão*. São seres de silhueta animal que caminham, observam, avançam ou aguardam algo que apenas intuímos. Pertencem à imaginação de Lira (ela diz: são *meus bichos*) tanto quanto evocam o ambiente físico, social e coletivo que ela habita (diz também: são *do sertão*). Os bichos do sertão de Lira vivem na paisagem imaginante que se forma na ressonância entre a artista e o território. Tomam assento na superfície arredondada de seixos de rio, delineiam-se entre manchas feitas de água, cola e pigmentos minerais. Reaparecem enquadrados em planos de tons de vermelho, ocre, branco e amarelo, sozinhos ou em grupo, muitas vezes junto a símbolos-runas que traduzem elementos mais que humanos. São bichos de terra, marcam-se na terra, e estão sempre grávidos de movimento.

A mostra *Maria Lira Marques – Roda dos Bichos* é uma deambulação em círculos junto à dança desses seres. Ela começa em roda, encontra diferentes grupos de obras e famílias de bichos, termina com um mergulho no canto, no testemunho e na história única que Lira vem tecendo desde a terra que nunca pensou em abandonar.



Lori Figueiró. Maria Lira Marques Borges, Frei Xico e and Tamborzeiros de Nossa Senhora do Rosário, Araçuaí, 2018

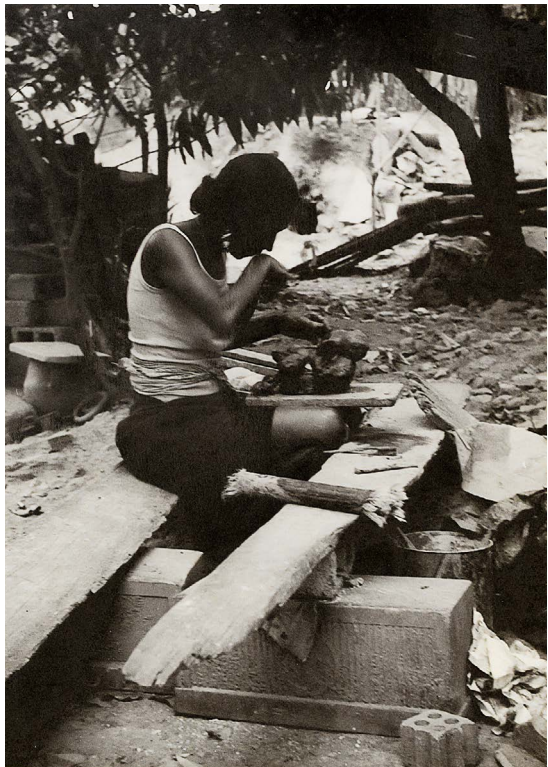
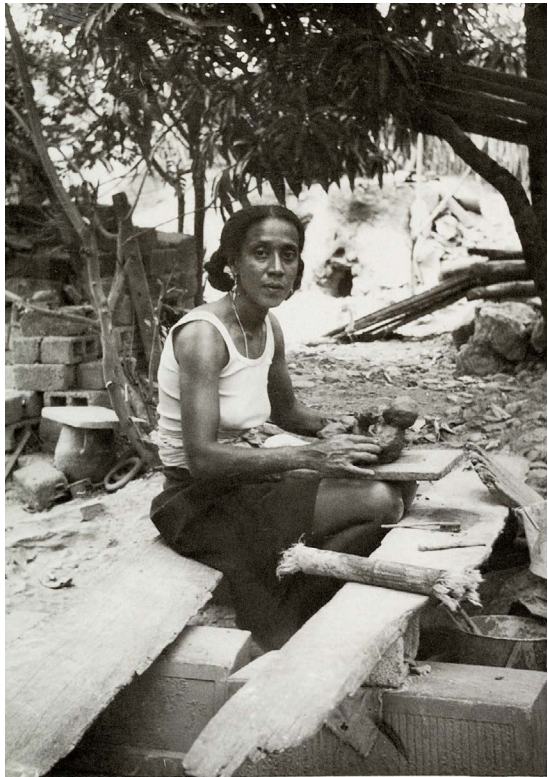


Foto Photo Frei Xico

Nascida em Araçuaí, cidade mineira no médio Vale do Jequitinhonha, Maria Lira Marques hoje tem 79 anos. Em sua infância, brincava de moldar esculturas diminutas com cera de abelha agarrada na sapataria de seu pai, Tarcísio. Na juventude, seguindo o exemplo de sua mãe, dona Odília, iniciou-se na escultura em argila. Encantava-se com a inventividade materna, que entremeava o labor como lavadeira com a produção de adornos e costumes para dramatizações e festas na vizinhança, decorava a casa e preparava detalhados presépios em argila para presentear amigos e familiares. Quando criou suas primeiras peças, entretanto, Lira estava tomada pela dor de testemunhar o agravamento dos efeitos do racismo e da miséria durante uma das maiores secas do Jequitinhonha (9 meses, entre 1976 e 1977) – algo que a levou a modelar corpos convolutos, sopros ou gritos que parecem lutar para emergirem da matéria indistinta.¹ Com o tempo, Lira acalmou a superfície da argila e aprendeu os meandros da queima da cerâmica, enquanto condensava sua prática no estudo de feições com traços negros e indígenas. Consolidaram-se assim suas peças ovóides e achatadas, quase máscaras racializadas e expressivas em sua quietude; fisionomias gravadas com linhas indicadoras dos temores e sonhos que as imantavam.

A formação de Lira como artista é paralela ao longo processo desencadeado no começo da década de 1970 por seu ingresso no Coral Trovadores do Vale, onde conheceu um parceiro e cúmplice de vida, o Frei Xico (Francisco van der Poel, Roterdã, 1940 – Belo Horizonte, 2023).² Ele, que chegara ao Brasil pouco tempo antes e alimentava um projeto de valorização da cultura local, logo reconheceu nela uma hábil e dedicada pesquisadora da musicalidade e religiosidade das pessoas do Vale.³ Juntos, Lira e Xico produziram um estudo de valor inestimável sobre os saberes espirituais e culturais dos povos do Jequitinhonha, justamente aqueles que a instituição da Igreja católica usualmente ignora ou censura porque ultrapassam suas liturgias.

No cerne dessa pesquisa, que teve em Lira a principal interlocutora dos moradores do Vale, conduzindo e sistematizando questionários e coletas de testemunhos, estão os cantos – verdadeiras ferramentas sociais coletivas transmitidas de geração em geração como dispositivos de devoção, de brincadeira, de trabalho e de compreensão do território.⁴

Nos bastidores do trabalho de campo, que permitiu a centenas ou milhares de cantos a valorização como uma forma de saber e o registro em texto e áudio, deu-se o mergulho de Lira em bibliografias múltiplas que ela acessava nas trocas cotidianas com Frei Xico – da sociologia à história, passando pelos estudos da cultura popular, ela leu sobre o Vale, sobre o Brasil e o mundo. Uma dessas leituras a apresentou às runas nórdicas, que ela associou a suas próprias runas-símbolos do sertão.⁵

No princípio da década de 1990, enquanto vivia um ciclo de crises do corpo e da subjetividade, Lira encontrou-se com o desafio de lidar com outra natureza de trabalho poético, retirando a cerâmica do centro de sua prática e voltando-se à pintura. Experimentou materiais até reencontrar as mesmas substâncias minerais da região que já conhecia tão bem; atentou às nuances cromáticas das terras de diferentes pedaços do Vale, mais ou menos distantes de Araçuaí; destacou e expandiu os signos esquemáticos que por vezes grafava nos rostos femininos esculpidos, até que eles se transfigurassem em visagens de todo um território imaginário que segue se expandindo até hoje.



Foto Photo Frei Xico

Lira relata que, tendo já visto muitas publicações sobre os fazeres de povos africanos e após haver ponderado sobre seus ecos e continuidades na vida da população negra brasileira, teve a oportunidade de visitar pela primeira vez uma grande coleção africana em um museu europeu. Ao entrar, foi tomada pelo sentimento de que ali tudo se movia, lutava, dançava. Foi nesse sentido de movimento, mais do que na forma e suporte do que via, que ela se identificou.

Desde criança, Lira integra a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Araçuaí, fundada em 1879.⁶ Com os tambores da irmandade ela conheceu o modo como a cadência do batuque transfigura a fala, a prece e a dança de um corpo coletivo. Com eles, talvez, aprendeu um repertório de gestos, remexos e poses que ainda hoje realiza com desenvoltura – e os empresta, acredito, à estrutura interior de suas composições e traçados, permitindo que, de dentro de telas compostas pela justaposição de tons terrosos e por traços sintéticos, emane um profundo e constante sentimento de animação, quer dizer, da alma que se deixa perceber como sopro de vida e disposição ao movimento.

Por mais de 50 anos Maria Lira Marques tem sido artista. Atua também como pesquisadora, cantora, dançarina brincante e defensora do valor dos saberes que se fazem junto à terra e prescindem da validação das instituições hegemônicas.

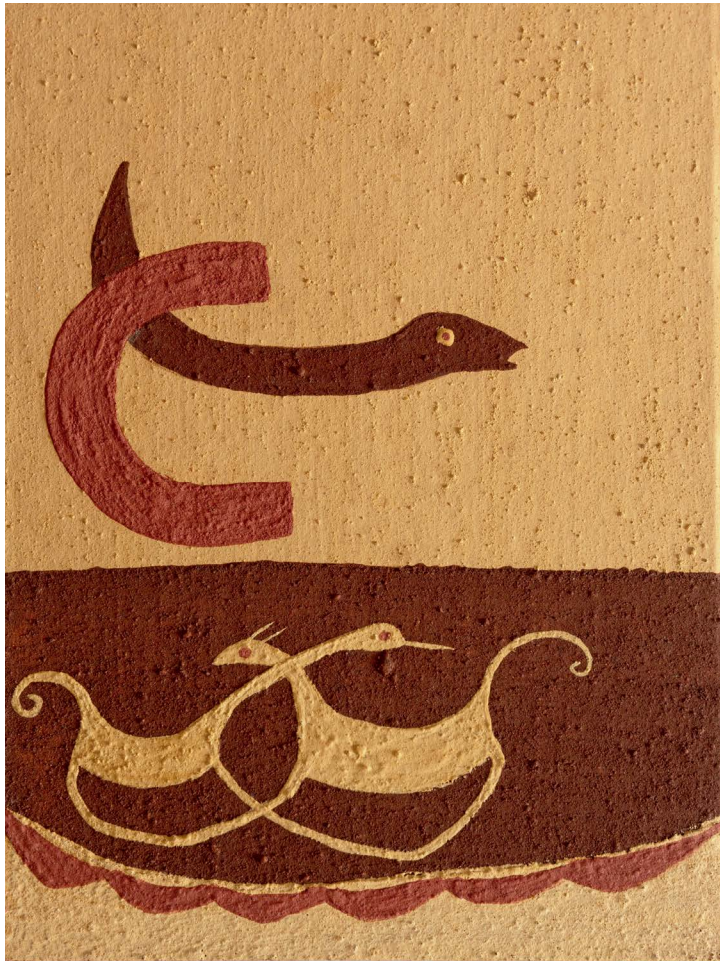
Maria Lira Marques é artista; e não é necessário adjetivar ou condicionar esse substantivo. Ainda assim, por décadas a circulação de sua obra dependeu de sua qualificação como *arte popular* – esse termo que atuou no Brasil como dobradiça para incluir no circuito artístico (sob tutela e em desigualdade) aquilo que estava excluído dos espaços de legitimação por parâmetros racistas, classistas e formalistas, mas cuja potência impunha o reconhecimento e a presença.

Hoje, pode-se abrir mão desse recurso e dizer, ainda outra vez: Maria Lira Marques é artista. O que mudou em seu trabalho para que se diga isso? Nada. O que mudou foi o país, que se vê hoje obrigado (pelo acúmulo de lutas de movimentos sociais e de personagens radicais como Lira) a repensar o que é arte e para que ela serve.

Paulo Miyada
Curador



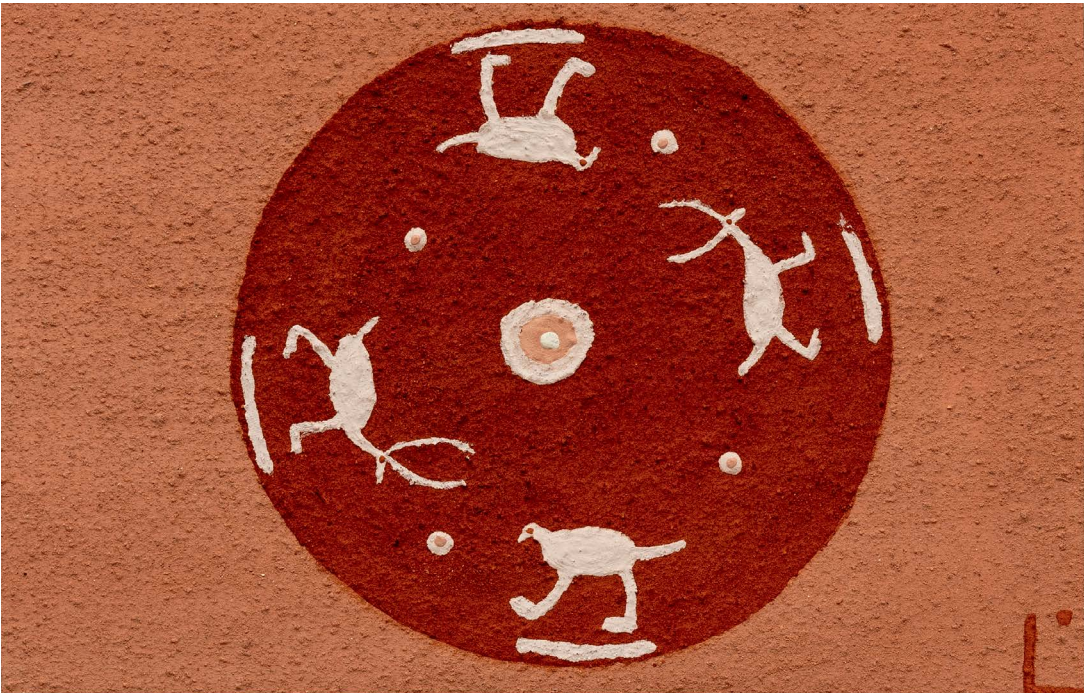
Maria Lira Marques. Sem título Untitled, 2021. **Pigmentos naturais sobre papel** Natural pigments on paper, 42 x 29 cm. **Coleção particular** Private collection, Belo Horizonte. **Foto** Photo Ding Musa



Maria Lira Marques. Sem título Untitled, 2013. **Pigmentos naturais sobre placa** Natural pigments on hardboard, 33 peças pieces, 15 x 21 cm. **Acervo** Archive Museu de Araçuaí – Um presente de Frei Xico e Lira Marques. **Foto** Photo Ricardo Miyada

Texto das
legendas
expandidas
**Sabrina
Fontenele**
Curadora
assistente

1 Os primeiros trabalhos de Maria Lira com o barro refletem sua comoção diante do sofrimento causado pela grande estiagem e por enchentes na região do Vale do Jequitinhonha na década de 1970. Figuras retorcidas se conformam em massas de argila, muitas vezes assinaladas por palavras que se referem à angústia do povo que resistia naquelas terras e, ao mesmo tempo, enfrentava múltiplas expressões do racismo. Alguns anos depois, Lira começou a desenvolver máscaras, quase sempre femininas, com fisionomias cujos traços evocam sua ancestralidade indígena e negra.



Maria Lira Marques. Sem título Untitled, 2019–2020. **Pigmentos naturais sobre papel** Natural pigments on paper, 21 x 30 cm. **Coleção** Collection **Johanna e and Guil Blanche.** **Foto** Photo **Ding Musa**



Maria Lira Marques. Sem título Untitled, 2021. **Pigmentos naturais sobre papel** Natural pigments on paper, 29 x 42 cm. **Coleção** Collection **Flávia e and Guilherme Teixeira.** **Foto** Photo **Ding Musa**

2 Maria Lira Marques e Frei Xico conheceram-se na década de 1970, quando o religioso holandês chegou à região e iniciou o Coral Trovadores do Vale. As contribuições de Lira coletando cantos populares para o repertório do Coral foram o ponto de partida de uma pesquisa ampla e, também, a oportunidade para iniciar toda uma vida de companhia e projetos em comum. Incentivador do trabalho de Lira, Xico montou um álbum com fotografias da artista e de sua produção. Esse álbum artesanal constitui o primeiro material visual organizado acerca da obra de Lira.



Maria Lira Marques. Sem título Untitled, 2023. **Pigmentos naturais sobre papel** Natural pigments on paper, 36 x 51 cm. **Coleção da artista** Collection of the artist **e and Gomide&Co.** **Foto** Photo **Edouard Fraipont**

3 A vasta pesquisa desenvolvida por Maria Lira e Frei Xico sobre cultura e religiosidade popular no Vale do Jequitinhonha foi realizada por meio de questionários e gravações na comunidade local. Além de registros sobre a fé no cotidiano dos entrevistados, foram documentados cantos e orações que faziam parte da tradição religiosa de cada família. O acúmulo de décadas de pesquisa resultou no Dicionário da religiosidade popular. Cultura e religião no Brasil e no banco de dados online "Tradição Oral do Vale do Jequitinhonha".

4 A reinauguração do Museu de Araçuaí, em abril de 2017, ocorreu 7 anos após a abertura original do espaço, com apresentações dos Tamborzeiros do Rosário dos Homens Pretos de Araçuaí, do Coral Trovadores do Vale e das Narradoras do Arraial dos Pretos. Com o subtítulo “Um Presente de Frei Xico e Lira Marques”, o Museu abriga, preserva e divulga um acervo que registra o cotidiano, a religiosidade e a arte tradicional da cidade e do Vale do Jequitinhonha. Esse material é fruto da pesquisa sobre cultura e religiosidade popular brasileira realizada por Maria Lira Marques e Frei Xico durante mais de 5 décadas.

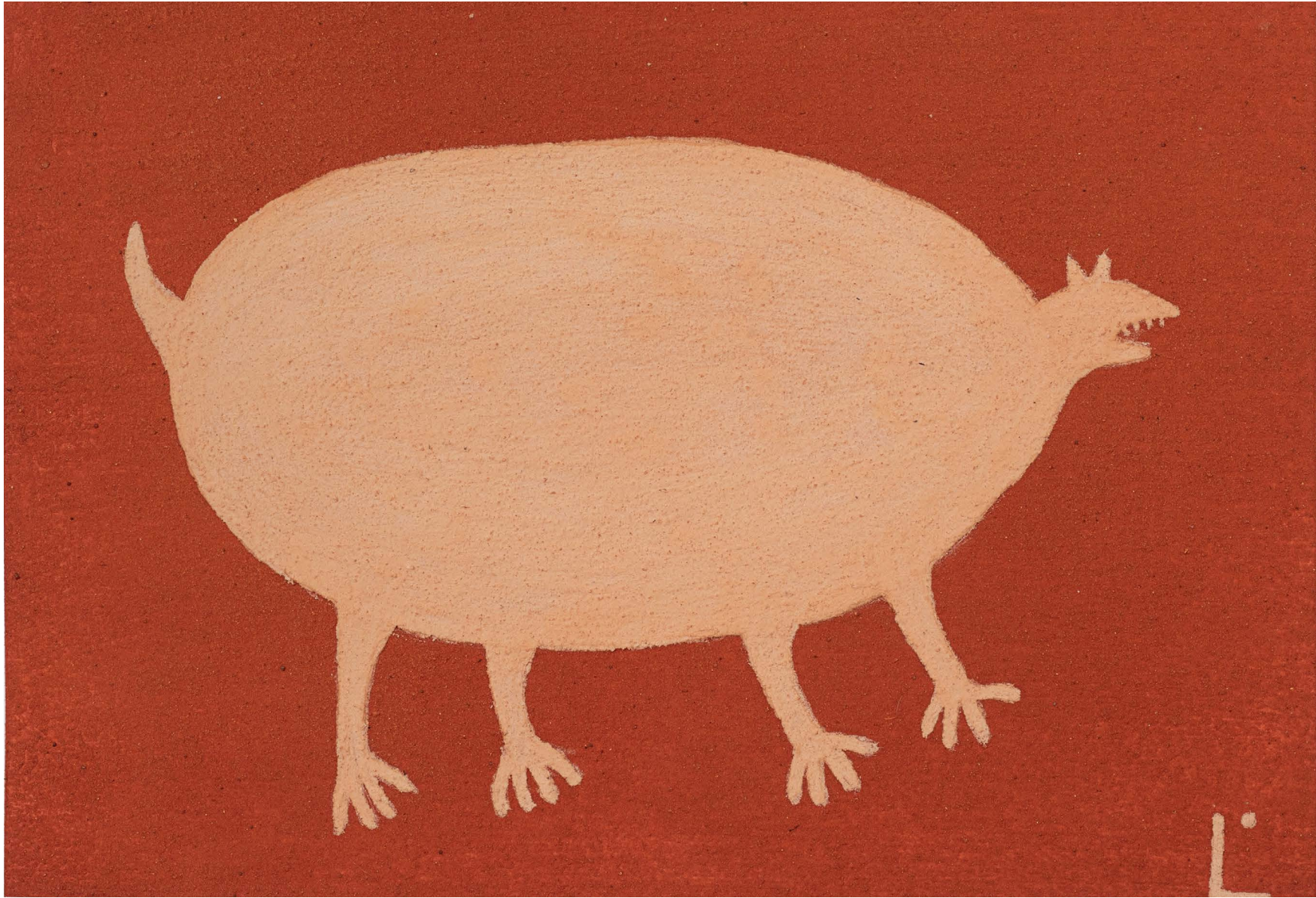
5 Runas são peças consideradas místicas – em geral feitas de osso ou pedra – com inscrições alfabéticas de povos germânicos, cujo complexo sistema de símbolos e orientação carrega mensagens a quem as consulta. Ao conhecê-las por meio de um livro, Maria Lira percebeu alguma familiaridade entre aquelas inscrições e os traços esquematizados com que ela sintetizava sentimentos e aspectos da natureza. Começou a produzir, então, suas próprias runas-símbolos, marcadas no barro modelado na palma de suas mãos.



Maria Lira Marques. Sem título Untitled, 2021. **Pigmentos naturais sobre pedra** Natural pigments on stone, 28 x 19 x 9,5 cm. **Coleção da artista** Collection of the artist e and Gomide&Co. **Foto** Photo Edouard Fraipont



Maria Lira Marques. Sem título Untitled, 2023. **Pigmentos naturais sobre papel** Natural pigments on paper, 42 x 30 cm. **Coleção da artista** Collection of the artist e and Gomide&Co. **Foto** Photo Julia Foroni



Maria Lira Marques. Sem título Untitled, 2022. **Pigmentos naturais sobre papel** Natural pigments on paper, 31 x 41 cm. **Coleção da artista** Collection of the artist e and Gomide&Co. **Foto** Photo Julia Foroni

6 O livro *O Rosário dos Homens Pretos* apresenta as manifestações culturais e religiosas de Araçuaí: festas, batuques e sua capela. Como afirma Frei Xico na apresentação: “este rosário é dos negros, que apesar de toda escravidão e discriminação são Homens. São chamados ‘Homens Pretos’ porque são diferentes dos homens brancos. Cada um tem sua cor e sua identidade própria”. A pesquisa sobre religiosidade levou Frei Xico e Lira a ingressarem no debate racial: por ocasião do centenário da abolição da escravidão, Lira aplicou um questionário com 28 itens sobre memória, consciência e discriminação a 100 mulheres e homens negros da cidade de Araçuaí e vizinhanças.

Um vale de muitos Jequitinhonhas

Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugere que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui.

Ailton Krenak

No coração de Minas Gerais, na Serra do Espinhaço, o rio Jequitinhonha brota da terra e inicia sua caminhada de mais de mil quilômetros até desaguar no Oceano Atlântico, pelo litoral da Bahia. Em seu longo trajeto, encontra três dos sete biomas brasileiros, a Mata Atlântica, o Cerrado e a Caatinga, que desenhavam paisagens diversas, fornecem alimento e constituem casa para gentes, bichos e plantas.

Desde muito tempo, a bacia hidrográfica do rio Jequitinhonha é ocupada por aldeias, povoados, quilombos e variadas formas de vida em comunidade, com costumes e práticas sociais tão diversos quanto são, até hoje, os povos originários desta terra. A palavra Jequitinhonha, de origem Maxakali, anuncia a presença indígena no território, onde também vivem os Aranã, Pankararu e Pataxó, entre outros povos, além de dezenas de comunidades quilombolas que responderam à colonização predatória da região construindo estratégias de existência e resistência cultural. O rio Jequitinhonha e seus afluentes tiveram grande importância no processo de ocupação humana e não humana dessa região. As águas dos rios e das chuvas que os alimentam, guiadas pelo relevo particular, germinaram sementes, mataram a sede e possibilitaram a manutenção da vida, mas também criaram caminhos trilhados por séculos ao longo dos rios, possibilitando trocas de saberes, informações e mercados que costuraram um território tão vasto e diverso.

Em 1964, com a criação da Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha (Codevale), o termo “Vale do Jequitinhonha” passou a definir a região administrativa da



Ricardo Miyada. Maria Lira e os pigmentos naturais Maria Lira and the natural pigments, 2024

parcela mineira da bacia do rio, dividida entre Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha, com 55 municípios que ocupam cerca de 14% do território do estado de Minas Gerais. O que os territórios que compõem essa região administrativa compartilham entre si, além da passagem das águas do rio, é um conjunto de indicadores econômicos e sociais que por muito tempo reduziram o Vale ao estigma da miséria e da escassez. Atualmente, boa parte de seus habitantes vivem em situação de extrema pobreza em lugares continuamente castigados pelas atividades mineradoras, pela monocultura de eucalipto e pela crescente vulnerabilidade da região decorrente da crise climática atualmente em curso.

O Vale do Jequitinhonha é lar de quase 1 milhão de pessoas, com grande biodiversidade e um movimento cultural rico e pulsante, que se expressa nas mais diferentes linguagens e materialidades. O Vale é o lugar onde nasceu Maria Lira Marques, e também suas máscaras, seus bichos do sertão, seus cantos, seus saberes e seus fazeres, muitos deles compartilhados de geração em geração e antigos de muitas vidas, lapidados por numerosas mãos e criadores de mundos.

Há, ainda, uma variedade enorme de objetos e manifestações culturais que vão muito além da cerâmica, comumente difundida como expressão característica do Vale do Jequitinhonha. As técnicas e materiais do artesanato do Vale vêm de seu próprio território e, por isso, reverberam sua riqueza. Lá, é possível encontrar esculturas em madeira retirada de árvores da região; tecidos feitos artesanalmente com o algodão que brota da terra e tingidos com elementos da paisagem, como plantas e a própria terra; bordados que contam as histórias do sertão e registram seus saberes; a cestaria feita com bambu; os trançados de palha de milho e os trabalhos em couro, entre outros.

Origina-se da terra o barro moldado pelas mãos dos habitantes do Vale, também utilizado na construção do forno que queima a cerâmica e assa o alimento, no tingimento dos tecidos e na pintura das peças. Da terra também surgem os alimentos de cada dia e as plantas que curam, protegem e acompanham a fé depositada nas rezas, nos benzimentos nos cantos e em toda a sabedoria ancestral compartilhada pelas gentes do Jequitinhonha.

Da dureza do cotidiano surge o ímpeto de existência e resistência, manifestado na missão de aprender e ensinar, a partir do próprio corpo e da própria história, os saberes forjados ao longo de muitas gerações e que não somente dão continuidade ao legado de povos de ancestralidades diversas que compartilham a vida no Vale, mas também criam possibilidades para o presente e para o futuro, produzem e anunciam a própria vida.

A oralidade é um elemento fundamental na sobrevivência e transmissão de técnicas de produção do artesanato e também se faz presente em outras manifestações culturais e identitárias do Jequitinhonha, como as danças, as músicas, as festas, as batu-cadas, os benzimentos e os versos. Ali, tudo está conectado à terra, ao rio e à expressão de um sentido de comunidade: festeja-se o trabalho, a brincadeira, o mistério da vida, a sabedoria e a generosidade do povo, a fé e a resiliência.

A canção ao lado, registrada por Maria Lira Marques e Frei Xico na década de 1970, faz parte do cancioneiro popular do Jequitinhonha e nos conta sobre a paisagem, os saberes, as andanças e navegações do canoeiro, um importante personagem do rio Jequitinhonha, de seus afluentes e da própria tessitura humana da região.

Divina Prado

Beira-Mar Novo

Beira-mar, beira-mar novo
Foi só eu é que cantei
Ô beira-mar, adeus dona
Adeus riacho de areia

Vou remando minha canoa
Lá pro poço do pescueiro
Ô beira-mar, adeus dona
Adeus riacho de areia

Adeus, adeus, toma adeus
Que eu já vou-me embora
Eu morava no fundo d’água
Não sei quando eu voltarei
Eu sou canoeiro

Eu não moro aqui
Nem aqui quero morar
Ô beira-mar, adeus dona,
Adeus riacho de areia

Moro na casca da lima
No caroço do juá
Ô beira-mar, adeus dona,
Adeus riacho de areia

Quando eu sair daqui
Vou sair daqui avoando
Ô beira-mar, adeus dona,
Adeus riacho de areia

Para o povo não dizer
Que eu saí daqui chorando
Ô beira-mar, adeus dona,
Adeus riacho de areia

Vou descendo rio abaixo
Numa canoa furada
Ô beira-mar, adeus dona,
Adeus riacho de areia

Arriscando minha vida
Por uma coisinha de nada
Ô beira-mar, adeus dona,
Adeus riacho de areia

Rio abaixo, rio acima
Tudo isso eu já andei
Ô beira-mar, adeus dona,
Adeus riacho de areia

Procurando amor de longe
Que o de perto eu já deixei
Ô beira-mar, adeus dona,
Adeus riacho de areia

Adeus, adeus, toma adeus
Que eu já vou-me embora
Eu morava no fundo d’água
Não sei quando eu voltarei
Eu sou canoeiro

Vou remando minha canoa
Lá pro poço do pescueiro
Ô beira-mar, adeus dona
Adeus riacho de areia

7 Lori Figueiró dedica seu trabalho aos fazeres e saberes tradicionais das pessoas do Vale do Jequitinhonha. Seus registros fotográficos apresentam danças, cantos, festas, rezas e objetos, como uma homenagem ao que ele chama de "sacralização do cotidiano". Nascido em Diamantina, Alto Jequitinhonha, Lori é também videodocumentarista e fundador do Centro Cultural Memorial do Vale, em São Gonçalo do Rio das Pedras. Por sua capacidade de escuta e seu constante trânsito por diferentes regiões do Vale, Lori tornou-se um importante aliado de diversos mestres, artistas, rezadeiras e lideranças da região, incluindo Maria Lira.



Lori Figueiró’. Marilene Ferreira dos Santos, Viviane Expedito Euzébio Carvalho, Crisiele Vitória Rodrigues e and Margarida Natalino Euzébio, São Gonçalo do Rio das Pedras, Serro, 2015



Lori Figueiró. Nuno Alves Jardim, Coronel Murta, 2012

Para saber mais

O projeto Mulheres do Jequitinhonha, concebido pela ONG Tingui, de Jenipapo de Minas (MG), tem como objetivo fortalecer as mulheres de comunidades rurais com base em seus saberes. Atualmente, três grupos fazem parte do projeto: Bordadeiras do Curtume, Tecelãs de Tocoíós e Mulheres da Ponte.



Neste vídeo, produzido pela Galeria Gomide&Co, Maria Lira Marques conta sobre o seu trabalho com a terra enquanto se sucedem imagens da casa da artista, de Araçuaí e do Vale do Jequitinhonha.



Maria Lira Marques – Creature Circle

Artist Maria Lira Marques finds the range of colours and textures for her work in the mineral substances of the lands that flank the Jequitinhonha River. In the *batuque*, *bendito*, *incelência* and *roda* (circle) songs, merging work and faith, she shares ways of inhabiting the environment that connect generations. In African and indigenous ancestry, she recognises forms, knowledge and struggles intertwined with her own life.

These substances, songs and ancestries all intersect on a plane where Lira Marques developed into an artist. Through art she has created ways of bringing together legacies and throwback memories, making them the driving force behind works that are at once invention and remembrance.

The most recurrent protagonists in her art are entities she calls *my creatures of the hinterland* (*meus bichos do sertão*). These are animal-shaped beings that walk, observe, advance or wait for something that we might only intuit. They belong to Lira's imagination (she says: they're *my creatures*) just as much as they evoke the physical, social and collective environment she inhabits (she also says: they're *from the sertão*). The creatures of Lira's *sertão* (semi-arid hinterland) live in the imaginary landscape formed in the resonance between the artist and the territory. They sit on the rounded surface of river pebbles, their outlines formed between patches of water, glue and mineral pigments. They reappear framed in red, ochre, white and yellow-shaded planes, alone or in groups, often alongside symbol-runes that translate more-than-human elements. They are earth creatures, they mark their presence in the land, and are always pregnant with movement.

The exhibition *Maria Lira Marques – Creature Circle* is a circular wander through the dance of these beings. It begins in a circle, meets different clusters of works and families of animals, and ends with a plunge into song, testimony and the unique story that Lira has been weaving from the land she has never thought of leaving.

Born in Araçuaí, a town in Minas Gerais in the middle Jequitinhonha Valley, Maria Lira Marques is now 79 years old. As a child she would spend hours at her father Tarcísio's shoe shop making tiny sculptures out of cobbler's wax. Following the footsteps of her mother, Odília, she would take up clay sculpting in her youth. She was enchanted by the creativity of her mother, who between working as a laundress produced decorations and costumes for plays and parties in the neighbourhood, decorating the house and preparing detailed clay nativity scenes to give to friends and family. When she created her first pieces, however, Lira was overwhelmed by the pain of witnessing the worsening effects of racism and poverty during one of Jequitinhonha's longest droughts (lasting 9 months, between 1976 and 1977). This led her to craft convoluted bodies, murmurs or screams that seem to be fighting to emerge from the indistinct matter. Over time, Lira calmed the surface of the clay and learnt the intricacies of ceramic firing, while condensing her practice into the study of forms with black and indigenous traits.

Thus, her ovoid and flattened pieces were consolidated, almost racialised masks, expressive in their stillness; physiognomies engraved with lines indicating the fears and dreams with which they were imbued.

Lira's development as an artist runs parallel to the long process that began in the early 1970s when she joined the Trovadores do Vale choir, where she met a partner and accomplice for life, Friar Xico (Francisco van der Poel, Rotterdam, 1940 – Belo Horizonte, 2023). He had arrived in Brazil a short time before and was working on a project to enhance local culture. He soon recognised in Lira a skilful and dedicated researcher of the musicality and religiosity of the people of the Valley. Together, Lira and Xico produced an invaluable study on the spiritual and cultural knowledge of the peoples of Jequitinhonha, precisely those that the institution of the Catholic Church usually ignores or censors because they fall outside its liturgies.

At the heart of this research, in which Lira was the main interlocutor with the residents of the Valley, conducting and systematising questionnaires and collecting personal accounts, are the songs – true collective social tools passed down from generation to generation as devices for devotion, play, work and understanding the territory.

Behind the scenes of the fieldwork, which allowed hundreds or thousands of songs to be recognised as a form of knowledge and recorded in text and audio, Lira immersed herself in multiple bibliographies that she accessed in her daily exchanges with Frei Xico – from sociology to history, including studies of popular culture, she read about the Valley, Brazil and the world. One of these readings introduced her to the Nordic runes, which she associated with her own rune-symbols of the hinterland.

In the early 1990s, while suffering a series of crises of the body and subjectivity, Lira was faced with the challenge of dealing with a different kind of artistic work, removing ceramics from the centre of her practice and turning to painting. She experimented with materials until she found the same mineral substances from the region that he already knew so well; she paid attention to the colour nuances of the land in different parts of the Valley, quite far from Araçuaí: she emphasised and expanded the schematic signs that she would at times engrave on sculpted female faces, until they were transfigured into visages of an entire imaginary territory that continues to expand to this day.

Lira says that, having already seen many publications about the works of African peoples and after thinking about how they are echoed and continued in the lives of the black Brazilian population, she had the opportunity to visit a large African collection in a European museum for the first time. When she stepped inside, she was struck by the feeling that everything was moving, fighting and dancing. It was this sense of movement, rather than the form and media of what she saw, that she identified with.

Since her childhood, Lira has been a member of the Brotherhood of the Rosary of Black Men of Araçuaí, founded in 1879. With the drummers of the

brotherhood, she learnt how the cadence of the *batuque* transfigures the speech, prayer and dance of a collective body. Perhaps it was from them that she learnt a repertoire of gestures, sways and poses that she still performs with ease today, and which, in my opinion, one can see in the inner structure of her compositions and strokes. This allows a deep and constant feeling of animation to emanate from within canvases composed of the juxtaposed earthy tones and synthetic strokes, in other words, from the soul that allows itself to be perceived as a breath of life and a willingness to move.

For over 50 years Maria Lira Marques has been an artist. She also works as a researcher, singer, dancer and champion of the value of knowledge born from the land and does not require validation from hegemonic institutions. Maria Lira Marques is an artist, and there is no need to add adjectives to, or condition this noun. Even so, for decades the circulation of her work depended on its classification as *popular art* – a term that in Brazil acted as a hinge to include in the artistic circuit (under tutelage and in a condition of inequality) that which was excluded from spaces of legitimisation by racist, classist and formalist parameters, but whose power demanded recognition and presence.

Today, one can relinquish this recourse and assert, once again: Maria Lira Marques is an artist. What has changed in her work for us to say that? Nothing. What has changed is the country, which is now forced (by the accumulated struggles of social movements and radical figures like Lira) to rethink what art is and what it is for.

Paulo Miyada

Expanded labels

Maria Lira's first works with clay reflect her emotion at the suffering caused by the great drought and floods in the Jequitinhonha Valley region in the 1970s. Twisted figures are formed in masses of clay, often marked by words that refer to the anguish of the people who resisted in those lands and, at the same time, were subjected to multiple expressions of racism. A few years later, Lira began to make masks, almost always female, with features that evoke her indigenous and black ancestry.

Maria Lira and Frei [Friar] Xico conducted vast research on popular culture and religiosity in the Jequitinhonha Valley, using questionnaires and recordings in the local community. In addition to accounts about faith in the daily lives of the interviewees, songs and prayers that were part of each family's religious tradition were documented. The decades of accumulated research resulted in the *Dicionário da religiosidade popular. Cultura e religião no Brasil* [Dictionary of Popular Religiosity: Culture and Religion in Brazil] and in the online database "Tradição Oral do Vale do Jequitinhonha" [Oral Tradition of the Jequitinhonha Valley].

Maria Lira Marques and Frei Xico met in the 1970s, when the Dutch religious arrived in the region and started the Trovadores do Vale choir. Lira's contributions in gathering folk songs for the choir's repertoire marked the

starting point for extensive research and also the opportunity to begin a lifetime of companionship and joint projects. Highly encouraging of Lira's work, Xico put together an album with photographs of the artist and her work. This handmade album is the first organised visual material about Lira's work.

The reopening of the Araçuaí Museum, in April 2017, took place 7 years after the space was originally opened, with performances by the Tamborzeiros do Rosário dos Homens Pretos de Araçuaí [Drummers from the Brotherhood of the Rosary of Black Men of Araçuaí], the Trovadores do Vale Choir and the Narradoras do Arraial dos Pretos. With the subtitle "A Gift from Frei Xico and Lira Marques", the museum houses, preserves and showcases a collection that records the daily life, religiosity and traditional art of the town and the Jequitinhonha Valley. This material is the fruit of research into Brazilian popular culture and religiosity carried out by Maria Lira Marques and Frei Xico over more than 5 decades.

The book *O Rosário dos Homens Pretos* [*The Rosary of Black Men*] presents the cultural and religious manifestations of Araçuaí: festivals, batuques and its chapel. As Frei Xico states in his foreword: "This rosary belongs to the black men, who despite all the slavery and discrimination are Men. They are called 'Black Men' because they are different from white men. Everyone has their own colour and their own identity." The research into religiosity led Frei Xico and Lira to enter the racial debate: upon the centenary of the abolition of slavery, Lira administered a questionnaire with 28 items on memory, awareness and discrimination to 100 black men and women from the city of Araçuaí and the surrounding area.

Runes are pieces usually made of bone or stone, which are considered mystical and are inscribed with alphabetic characters of ancient Germanic peoples, whose complex system of symbols and guidance conveys messages to those who consult them. On learning about them through a book, Maria Lira noticed a certain familiarity between the inscriptions and the schematised strokes with which she summarised feelings and aspects of nature. She then began to produce her own rune-symbols, marked in the clay which she shaped in the palm of her hands.

Lori Figueiró's work focuses on the traditional crafts and knowledge of the people of the Jequitinhonha Valley. His photographs show dances, songs, festivals, prayers and objects, as a tribute to what he calls the "sacralisation of everyday life." Born in Diamantina, Alto [Upper] Jequitinhonha, Lori is also a video documentary maker and founder of the Memorial do Vale Cultural Centre in São Gonçalo do Rio das Pedras. His ability to listen and his constant travelling through different regions of the Valley enabled Lori to become an important ally of various masters, artists, prayer ladies and leaders in the region, including Maria Lira.

The images of Maria Lira Marques with her clay masks are from the film *Do Pó da Terra* [*From the Dust of the Earth*] (2015), directed by Maurício Nahas, which records

residents of the Jequitinhonha Valley, focusing on arts and crafts produced with clay from the region.

Sabrina Fontenele

A valley of many Jequitinhonhas

It is the rivers, those beings that have always inhabited the worlds in different forms, that suggest to me that if there is a future to be considered, it is an ancestral one, because it was already here.

Ailton Krenak

In the heart of Minas Gerais, in the Serra do Espinhaço, the Jequitinhonha River rises from the earth and begins its journey of more than a thousand kilometres to flow into the Atlantic Ocean from the coast of Bahia. On its long journey, it encounters three of Brazil's seven biomes: the Atlantic Forest, the Cerrado and the Caatinga, which sketch diverse landscapes, provide food and are home to people, animals and plants.

The Jequitinhonha River basin has long been occupied by villages, settlements, quilombos and various forms of community life, with customs and social practices as varied as the original peoples of this land. The word Jequitinhonha, of Maxakali origin, announces the indigenous presence in the territory, which is also home to the Aranã, Pankararu and Pataxó, among other peoples, as well as dozens of quilombo-la communities that responded to the predatory colonisation of the region by developing strategies to protect themselves and their cultures. The Jequitinhonha River and its tributaries played a major role in the process of human and non-human occupation of this region. The waters of the rivers and rainfalls that feed them, guided by the relief in the land, have germinated seeds, quenched thirst and supported life, but they have also created paths that have been trodden for centuries along the rivers, enabling the exchange knowledge, information and goods that have stitched together such a vast and diverse territory.

In 1964, with the creation of the Jequitinhonha Valley Development Commission (Codelave), the term "Jequitinhonha Valley" came to define the administrative region of the Minas Gerais portion of the river basin, divided into Upper, Middle and Lower Jequitinhonha, with 55 municipalities occupying around 14% of the territory of the state of Minas Gerais. What the territories that make up this administrative region share in common, apart from the river running through them, is a set of economic and social indicators that for a long time stigmatised the Valley with poverty and scarcity. Today, many of the region's inhabitants live in extreme poverty in places that are continually punished by mining activities, eucalyptus monoculture and the growing vulnerability of the region as a result of the ongoing climate crisis.

The Jequitinhonha Valley is home to almost one million people, with great biodiversity and a rich, vibrant cultural movement expressed in the most varied range of languages and materials. The Valley is the birthplace of Maria Lira Marques, as well as of her masks, her hinterland creatures, her songs, her knowledge and her

works, many of which have been shared from generation to generation and are the legacy of multiple lives, polished by numerous hands and creators of worlds.

There is also a great variety of cultural manifestations and objects far beyond ceramics, which is commonly recognised as a characteristic expression of the Jequitinhonha Valley. The Valley's craft techniques and materials come from its own territory and therefore echo its richness. They include sculptures made from wood taken from trees in the region; fabrics handmade from cotton that springs from the earth and dyed with elements from the landscape, such as plants and the earth itself; embroidery that tells the stories of the sertão (hinterland) and records its knowledge; wicker baskets made from bamboo; straw work and leatherwork, among others.

The clay moulded by the hands of the valley people comes from the earth and is also used in the construction of the kiln that fires the pottery and bakes the food, in the dyeing of fabrics and the painting of pieces. From the land also come everyday foods and plants that heal, protect and accompany the faith placed in prayers, blessings, songs and all the ancestral wisdom shared by the peoples of Jequitinhonha.

From the harshness of everyday life comes the impetus for existence and resistance, expressed in the mission to learn and teach, from one's own body and history, the knowledge forged over generations and which not only perpetuates the legacy of peoples of diverse ancestries who share life in the Valley, but also creates possibilities for the present and the future, producing and announcing life itself.

Speech is a fundamental element in the survival and transmission of the craft production techniques and can also be found in other manifestations of the Jequitinhonha culture and identity, such as dances, music, festivals, batucada drumming, blessings and verses. There, everything is connected to the land, to the river and to the expression of a sense of community: work, play, the mystery of life, the wisdom and generosity of the people, faith and resilience are all celebrated.

The following song, recorded by Maria Lira Marques and Frei Xico in the 1970s, is part of the Jequitinhonha popular songbook and tells us about the landscape, the understandings, the wanderings and navigations of the canoeist, an important figure of the Jequitinhonha River, its tributaries and of the human fabric itself of the region.

Divina Prado

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

Curadoria Curated by Paulo Miyada

Curadora Assistente Assistant Curator Sabrina Fontenele

Produção Production

Projeto Expográfico

Exhibition Project

Design Gráfico Graphic Design

Educação Education

Instituto Tomie Ohtake

Iluminação Lighting Design

Marcos Cicerone

Equipe de conservação

Conservation Team

Ângela Freitas

Fernanda Coutinho Santiago

Giulia Alcântara Cavalcante

Montagem Art Handlers

Ricardo Soares da Silva

Coordenador Coordinator

Alexandre Nascimento Pedro Elias Joaquim da Silva Jefferson Luiz da Silva Luiz Fernando Quintanilha Renato Miranda Santos Sobrinho

Cenografia Scenography Buriti Brasil

Pintura Painting WCA Pinturas e Decorações

Seguro Insurance Company Liberty Seguros Howden Brasil Consultoria e Corretora de Seguros Ltda

Revisão e tradução Translation and proofreading Armando Olivetti e and Ben Kohn

Sinalização Visual Signaling Camera Press 0 Mamulti Stickers

Agradecimentos Acknowledgements Adriane Aparecida Pinto Coelho, Bruna Grinsztejn João, Fábio Frayha, Galeria Gomide&Co., Hélia Mariza Nogueira Silva, Jessica Cynel, Lori Figueiró, Monique Figueiredo Barboza, Sirlene Giannotti, Thiago Gomide, Viviane Fortes e aos colecionadores e instituições que gentilmente cederam suas obras para esta exposição and collectors and institutions who generously lent their works for this exhibition.

JORNAL NEWSPAPER

Projeto Gráfico Graphic Design Felipe Carnevalli, Paula Lobato e and Vitor Cesar

Coordenação Coordination Ana Roman, Carolina Pasinato, Divina Prado e and Felipe Carnevalli

Textos Texts Ana Roman, Divina Prado, Paulo Miyada e and Sabrina Fontenele

Revisão e tradução Translation and proofreading Armando Olivetti e and Ben Kohn

Impressão Printing Ipsis

Em maio de 2024 o Instituto Tomie Ohtake irá lançar BARRO, uma publicação voltada à ampliação das reflexões trazidas pelo trabalho de Maria Lira e pelo universo do sertão e suas gentes. O barro será abordado como elemento simbólico de diversas cosmologias de criação da vida; materialidade recorrente nas artes populares e na arte contemporânea; e referência das diversas territorialidades e dos saberes do chão, permitindo reflexões diversas que podem interessar a públicos também variados – artistas, estudantes, educadores, pesquisadores ou pessoas genuinamente interessadas em conhecer mais sobre arte, cultura e histórias do Brasil.

In May 2024, the Instituto Tomie Ohtake will launch BARRO, a publication aimed at expanding the reflections triggered by Maria Lira's work and by the universe of the sertão (hinterland) and its people. Clay will be addressed as a symbolic element of various life creation cosmologies; a recurrent materiality in the popular arts and contemporary art; and a reference of different territorialities and knowledge of the ground, allowing for diverse reflections that may be of interest to a variety of audiences – artists, students, educators, researchers or those with a genuine interest in art, culture and the histories of Brazil.